

O ÊXTASE RELIGIOSO E OS PENTECOSTALISMOS – UMA ANÁLISE A PARTIR DAS MANIFESTAÇÕES EXTÁTICAS, MÚSICAS LITÚRGICAS E ANTROPOLOGIA

THE RELIGIOUS ECSTASY AND THE PENTECOSTALISMS – AN ANALYSIS FROM THE ECSTATIC MANIFESTATIONS, LITURGICAL MUSICS AND ANTHROPOLOGY

Marcos Felipe Vital da Silva¹
Glauco dos Santos Silveira²
Paula Ribeiro de Souza³

Resumo: O movimento pentecostal é um fenômeno religioso importante que vem ganhando espaço entre as recentes pesquisas acadêmicas devido seu grande crescimento em todo o mundo. Existe uma relação direta entre os pentecostalismos e o êxtase religioso, que segundo Paul Tillich “consiste num estado de espírito em que a mente transcende sua situação habitual”. O êxtase se manifesta nos pentecostalismos através de orações fervorosas a fim de um encontro mais profundo com o transcendente. As manifestações estáticas destes fiéis geralmente são “iniciadas” a partir do chamado “batismo com o Espírito Santo” que na maioria dos casos estão ligadas a glossolalia. Este artigo apresenta de forma geral uma revisão bibliográfica das relações entre o êxtase religioso e os pentecostalismos.

Palavras-chave: Pentecostalismo; êxtase religioso; experiências estáticas; Ciências da Religião.

Abstract: The Pentecostal movement is an important religious phenomenon that has been gaining ground among recent academic research due to its great growth around the world. There is a direct relationship between Pentecostalism and religious ecstasy, which according to Paul Tillich "consists in a state of mind in which the mind transcends its habitual situation." Ecstasy manifests itself in Pentecostalism through fervent prayers for a deeper encounter with the transcendent. The ecstatic manifestations of these faithful are usually

Artigo submetido em 24/10/2018. Aprovado em 04/12/2018.

¹ Biólogo pelo Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO - RJ), Pós-Graduado em Exegese e Interpretação da Bíblia (FABAT – RJ) e mestrando em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: marcosfelipevitsil@hotmail.com

² Cientista Social pela Universidade Federal do Ceará, graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e mestrando em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: glauconaweb@hotmail.com

³ Bióloga e Farmacêutica pelo Centro Universitário de Caratinga (UNEC), Pós-Graduada em Saúde e Meio Ambiente (UNEC), em Farmacologia Clínica e Atenção Farmacêutica (UNEC) e mestranda em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: paula-_ribeiro@hotmail.com



"initiated" from the so-called "baptism with the Holy Spirit", which in most cases are linked to glossolalia. This article presents a bibliographical review of the relationship between religious ecstasy and Pentecostalism.

Keywords: Pentecostalism; religious ecstasy; ecstatic experiences; Sciences of Religion.

Introdução

Este artigo pretende analisar as relações do êxtase religioso com os pentecostalismos. Os pesquisadores dos pentecostalismos têm atentado para o grande crescimento das tradições pentecostais na América Latina — que teve tradicionalmente maioria católica — e este fenômeno religioso tem se mostrado como um dos mais surpreendentes da atualidade.

Um dos segredos para o crescimento do movimento pentecostal é sua diversidade religiosa. Contudo esta particularidade produziu uma série de pentecostalismos, fruto da fragmentação das diversas expressões pentecostais, orientadas pelo pluralismo e sincretismo religioso. Por estes motivos, o termo “pentecostalismos” será utilizado no plural nesta pesquisa, a fim de contemplar toda a complexidade de significados que este termo possui na sociedade atual.

Para os fiéis pentecostais, a “fé viva” não diz respeito apenas à integridade doutrinal nem à precisão teológica, mas principalmente a experiência atribuída a vivência de um Deus transcendente como uma realidade concreta na vida dos fiéis. O êxtase religioso e as experiências estáticas são características fundamentais da maioria das tradições pentecostais.

O pesquisador Kenner Terra define o êxtase religioso nos pentecostalismos da seguinte forma:

O êxtase religioso é considerado, para a tradição do pentecoste, mecanismo e fôlego para o encontro do “anúncio”, caracterizada pelo que é “maravilhoso”, e neste encontro com o Sagrado, ocorre celebração e espanto. O êxtase não é exclusivo do pentecostalismo moderno, ele está presente em diversas tradições religiosas ao longo da história, inclusive no profetismo e na apocalíptica judaica, especialmente nas viagens celestiais vinculadas ao misticismo da Mercavah.

(TERRA, 2015, p. 178)



Através destas experiências extáticas que os fiéis “sentem” a presença de Deus, e esta pode produzir diversas manifestações características dos pentecostalismos como a glossolalia, profecias, visões e etc.

Carvalho (1997, p. 65) ao avaliar o movimento pentecostal ressalta:

O modo de ser pentecostal, isto é, o seu ethos, coincide com a forma pós-moderna de pensar a realidade. Isso não significa, porém, que somos irracionais ou coisa parecida, mas que operamos com uma racionalidade diferente da pretensiosa razão cartesiana, instrumental e suficiente, ciosa de que pode exaurir o mistério, desvendar todas as coisas e ter todas as respostas.

Percebe-se que o êxtase religioso vivido pelos fiéis pentecostais influencia toda a forma que estes vivem suas vidas. O êxtase é um estado consciente da razão e dos sentimentos, porém alterados pela contemplação da presença do divino, levando o indivíduo ao enlevo, arroubo, encanto ou admiração de coisas sobrenaturais; ficar pasmo e assombrado são fenômenos que podem ser observados “na histeria e nos delírios místicos, e que consiste em sentimento profundo e indizível que aparenta corresponder a enorme alegria” (AUBRÉE apud MAUÉS, 1996).

O objetivo geral deste artigo será — através de uma revisão bibliográfica — analisar as diferentes formas de relação entre o êxtase religioso e os pentecostalismos, desde manifestações extáticas como a glossolalia e a crença no “batismo com o Espírito Santo”, até relações emocionais ligadas a música e a dança. Também serão analisados os fatores sociais que podem estar relacionados ao êxtase religioso, categorizado neste artigo como “antropologia do êxtase”.

1. O Pentecostalismo contemporâneo

O pentecostalismo é um fenômeno religioso importante não só no cenário brasileiro, mas também mundial. O termo “pentecostalismo” vem da palavra “Pentecostes”, que corresponde ao nome de uma festa da tradição judaica presente na bíblia, e onde teria ocorrido o derramamento do Espírito Santo, conforme capítulo 2 do livro dos Atos dos apóstolos. O pentecostalismo tem como característica interpretar a sua experiência com o sagrado/divino como se fosse uma experiência com um Deus transcendente. A partir de uma



perspectiva mística, acredita que haveria uma ação direta dessa divindade na vida concreta das pessoas. O movimento pentecostal é uma ramificação do cristianismo oriunda do protestantismo evangélico, que enfatiza a experiência sobrenatural com o Espírito Santo, iniciada por uma experiência peculiar do pentecostalismo chamada de batismo no Espírito Santo, da qual falaremos mais adiante, e que seria confirmada pela atualidade dos chamados dons espirituais. As principais características do pentecostalismo são: a ênfase nos dons espirituais e numa espiritualidade mais profunda, uma dinâmica litúrgica menos mecânica, a tendência à leitura literal dos textos bíblicos, a atividade de leigos na expansão e administração das comunidades pentecostais e a busca da salvação da alma.⁴ Outra característica marcante no pentecostalismo é sua ênfase numa típica teologia dualística.⁵

Além das questões já apresentadas, uma síndrome marginal pentecostal pode ser observada na essência desse movimento, que se despontou frente ao êxtase espiritual, por meio da experiência do batismo no Espírito Santo e da glossolalia. Esse fato fez com que muitas pessoas marginalizadas na sociedade tivessem oportunidade, nos cultos pentecostais, de se sentirem amadas, cuidadas e incluídas na membresia das igrejas. O período da institucionalização se desenvolveu centrado na religiosidade pentecostal que determinou sua cultura e identidade, como austera, constituída nos rígidos usos e costumes, desenvolvendo um movimento de contracultura.

Os pentecostais clássicos são indivíduos motivados pela crença da presença do Espírito Santo em suas vidas e aproximaram-se dos necessitados com um sentimento de empatia. Segundo MAJEWSKI (2010, p. 42):

Dessa forma, todos têm o seu valor. O trabalho dignifica e poder oferecer algo para Deus é uma motivação tão forte na vida do crente que ele dedica boa parte dos seus esforços naquilo que seus líderes entendem como importante para o Reino. A dignidade de cada membro, por mais humilde, ignorante ou pobre que seja, não é negligenciada. Trata-se de uma alma resgatada do pecado por um alto preço, o sangue do filho de Deus. Em sendo assim, cada pessoa possui valor imensurável, e pode colocar seus talentos a serviço da igreja.

⁴ Cf. PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 15.

⁵ Dualismo: esta palavra foi inventada em 1700 para caracterizar a doutrina iraniana dos dois espíritos. Desde então o termo dualismo tem sido empregado de diversas formas através da história da teologia e da filosofia, porém, o conceito básico é que há uma distinção entre dois princípios básicos que são independentes entre si e que às vezes são opostos um ao outro. Na teologia, Deus é contraposto a algum princípio espiritual do mal ou ao mundo material, enquanto na filosofia o espírito é contraposto à matéria. Cf. ELIADE, Mircea. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 133.



As pessoas que se tornavam pentecostais tinham uma mudança de vida, pela via da transformação social, porém, para que mantenham as conquistas da experiência emocional é necessária uma posterior racionalização da fé, caso contrário, o converso estará entregue ao sentimentalismo vazio (POMMERENING, 2013, p. 63). Portanto, devido ao crescimento do movimento, nasceu a necessidade de institucionalização e organização.

Ao analisar as causas do crescimento do movimento pentecostal Blanche-Benveniste relata:

O pentecostalismo atingiu as massas brasileiras, pois conseguiu falar a mesma linguagem delas. A simplicidade e força com que opera a retórica pentecostal, facilita sua compreensão e recepção por parte de pessoas, em sua maioria, destituídas de melhores condições de articular pensamentos mais complexos e compreender discursos muito elaborados, como em igrejas históricas tradicionais. O discurso⁶ pentecostal sempre é mediado por palavras e símbolos, embora seja fundamentalista⁷ e redundante. A oralidade pentecostal explora recursos retóricos, para causar fixação da atenção do ouvinte e assim conseguir com que apreenda o conteúdo do que está sendo dito; a modulação da voz, as mudanças de tonalidade, as músicas e as danças.⁸

Como se pode observar claramente através do relato da autora, o pentecostalismo encontrou uma forte aceitação entre o povo brasileiro, pois dialoga perfeitamente com a espontaneidade característica do povo latino americano e conseqüentemente através de seu discurso simples e carismático vem arrebatando multidões por onde tem passado.

2. Êxtase religioso

Entende-se por êxtase religioso o “estado de dissociação, caracterizado pela falta de movimento voluntário, e, frequentemente por automatismo de ato e pensamento,

⁶ Cf. CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio e Umesp, 1999, p. 300.

⁷ Cf. BONINO, José Míguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 68. O fundamentalismo pentecostal é diferente do fundamentalismo praticado pelas igrejas históricas. Pois no pentecostalismo, ao mesmo tempo que a Bíblia assume função normatizadora única da fé, ela é abandonada quando do discurso oral que se sobrepõe e contradiz em alguns pontos a Bíblia. Se torna assim um fundamentalismo simbólico.

⁸ Cf. BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: Gedisa, 1998, p. 51.



representados pelos estados hipnótico, mediúnicos ou religiosos. Segundo Ioan Lewis, estados de transe podem ser imediatamente induzidos na maioria das pessoas normais por uma série de estímulos, como ingestão de bebidas alcoólicas ou plantas alucinógenas, sugestão hipnótica, rápido aumento do ritmo respiratório, inalação de fumaças e vapores, música e dança. O mesmo efeito pode ser induzido, porém mais lentamente, através de mortificações e privações, tais como o jejum e a contemplação ascética, a meditação transcendental (LEWIS, 1977, p. 41).

O êxtase sempre esteve presente nas mais variadas religiões ao longo da história humana. Tillich (2005, p. 124) definiu êxtase como:

O termo “êxtase” (“estar fora de si mesmo”) aponta para um estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. O êxtase não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto. Ao estar além de si mesma, a razão não nega a si mesma.

É difícil encontrar uma religião que não tenha, em algum estágio de sua história, inspirado transportes de exaltação mística nos quais todo o ser do homem parece se fundir em gloriosa comunhão com a divindade. (LEWIS, 1977, p. 17)

AUBRÉE (apud MAUÉS, 1996) é categórico ao dissertar sobre a relação do pentecostalismo com o êxtase:

Na Idade Média o que proporcionava o êxtase geralmente era o silêncio contemplativo. No pentecostalismo ele está, em grande parte, associado à oralidade, ou seja, o indivíduo se expressa na música, na oração ou na pregação e a partir disto manifesta o êxtase. Para compreender o êxtase no pentecostalismo, faz-se necessário diferenciar entre possessão e êxtase. A primeira se refere a quem tem o corpo invadido ou tomado por alguma entidade espiritual de forma intrusa, invocada ou não, provocando reações descontroladas. Já o “transe de inspiração” caracteriza o pentecostalismo, especialmente no que diz respeito à glossolalia. “No [... xangô], o possuído muda de personalidade, no sentido de que ele se transforma na divindade; no [... pentecostalismo], o indivíduo conserva sua personalidade, mas é cercado (investi) pela divindade que, ao dominá-lo, faz dele seu porta-voz”.⁹

⁹ AUBRÉE, M. Apud MAUÉS, Raymundo Heraldo. “*Bailando com o Senhor*”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000100001>. Acesso em: 2 mar. 2018.



Conforme descrito por Maués, o pentecostal quando está em êxtase, não perde a consciência ou a capacidade de narrar sua experiência. Nos pentecostalismos “falar em nome de Deus” corresponde a uma responsabilidade enorme, afinal geralmente as pessoas que possuem esta experiência extática são chamadas de profetas pelos fiéis. Tillich (2005, p. 570) afirma que “o êxtase, ao contrário da possessão, não nega a estrutura humana, não a desvaloriza e nem a destrói, antes se manifesta aquilatando a estrutura racional e emocional do ser, pois Deus não precisa destruir sua própria criação para manifestar-se nela”. O mesmo autor também faz uma importante separação entre “o êxtase proporcionado pelo Espírito do proporcionado pela intoxicação religiosa, cujo critério de discernimento é a criatividade manifestada no primeiro e a ausência dela no segundo” (TILLICH, 2005, p. 575).

O êxtase é um dos pontos preponderantes do pentecostalismo, pois através destas manifestações extáticas, que os fiéis chamam de “presença de Deus”, o pentecostalismo tem dado voz a todos os tipos de pessoas, inclusive as leigas e incultas, através de “inspirações pessoais, dons espirituais extraordinários, revelações individuais e o conhecimento de mistérios esotéricos” (TILLICH, 2005, p. 125). Os fatores sociais ligados ao êxtase religioso pentecostal serão o principal foco de pesquisa deste presente trabalho.

2.1 Êxtase religioso pentecostal através da experiência do batismo com o espírito santo

O pentecostalismo clássico (representado no Brasil principalmente pelas igrejas Assembleia de Deus) enfatiza o batismo e os dons do Espírito Santo. Para seus fiéis o batismo se entende como o revestimento de poder que acontece após a conversão, compreendida também como segunda ou terceira bênção, com forte influência sobre a santificação pessoal, acompanhado pela expressão de êxtase em que a pessoa fala em línguas desconhecidas. Chega quase a ser comparável a um rito de passagem. Historicamente pode-se compreender o início deste fenômeno no pentecostalismo moderno da seguinte forma (OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 71):

O movimento *holiness* entre os metodistas defendia que era necessário buscar uma segunda bênção após receber a salvação, que era a santidade pessoal. Essa busca da perfeição cristã teria gerado comunidades propícias para experiências místicas e sensitivas. Grupos *holiness* começaram a experimentar o fenômeno da glossolalia (falar em línguas estranhas) e, nos Estados Unidos, foram os ascendentes diretos e espirituais dos pentecostais



modernos, como o caso de Topeka (Kansas) e da Azusa Street (Los Angeles), berços do pentecostalismo clássico norte-americano. Nesses ambientes metodistas, o batismo com o Espírito Santo era chamado, então, de “terceira bênção”. No caso brasileiro, seria a “segunda bênção”, uma vez que não havia aqui a mesma influência metodista como havia nos Estados Unidos.

Falando sobre a experiência pentecostal, Menzies (2016, p. 29) declara:

É exatamente aqui, em Lucas/Atos, que encontramos a mensagem central e distintiva do movimento pentecostal. Desde os primeiros dias do atual avivamento pentecostal, os pentecostais têm proclamado que todos os cristãos podem e devem experimentar o batismo no Espírito Santo “distinto e posterior à experiência do novo nascimento”.⁴² Esse entendimento do batismo no Espírito Santo surge da convicção de que o Espírito veio sobre os discípulos no dia de Pentecostes (At 2), não como fonte de existência da nova aliança, mas como fonte de poder para o testemunho eficaz. Esse entendimento do batismo no Espírito Santo tem dado ao atual movimento pentecostal a sua identidade, a sua experiência unificadora e o seu enfoque missiológico.

O pentecostal entende que seu corpo é templo do Espírito Santo, portanto cada fiel é considerado vaso ou habitação do sagrado. Assim como a maioria das igrejas cristãs protestantes o batismo nas águas é considerado o rito de iniciação para as pessoas que pretendem se tornar membros das igrejas pentecostais, porém é através do batismo do fogo — caracterizado principalmente quando os fiéis sentem em seus corpos a “presença de Deus”, através de experiências pessoais de manifestações extáticas — que os pentecostais realmente se sentem como convertidos. Conforme descrito por Rabelo (2005, p. 25):

Os “cristãos” também sentem seus corpos queimar com o fogo do Espírito Santo, como na narrativa bíblica do pentecoste. Alguns fiéis elaboram mais esta imagem, indo além de uma referência estereotipada ao texto bíblico para oferecer descrições mais detalhadas da sua experiência corporal: nestas o Espírito é apresentado como um calor que toma conta do corpo, um fogo que propaga do centro, e gera energia, movimento rápido quase incontrolável. No calor os fiéis são tomados por línguas estranhas e chegam mesmo a bailar, rodopiando velozmente no espaço entre os bancos e o púlpito ou ao interior de um círculo formado pelos adeptos em oração.

O batismo no Espírito Santo é caracterizado por uma manifestação de êxtase muito intensa pelos fiéis, porém geralmente estas pessoas não perdem a consciência, afinal é importante que estes pentecostais contem suas experiências aos outros irmãos e a igreja,



para contar-lhes as maravilhas que Deus tenha lhes mostrado. Neste ponto existe uma linha muito tênue entre a espontaneidade característica do pentecostalismo e a doutrina cristã ligada a “ordem e decência” nos cultos. Quando estas manifestações extáticas são caracterizadas por perda de consciência, alguns grupos poderão chamar o movimento de possessão demoníaca ou então de “meninice” que é um termo popular entre os pentecostais, que caracteriza os irmãos que são imaturos na sua espiritualidade.

Através do batismo com fogo os fiéis manifestam seus carismas, sendo capacitados para exercerem os dons do Espírito Santo que são: conhecimento e revelação de algo desconhecido, sabedoria para resolver determinada situação, fé extraordinária, curas, operação de milagres, profecia, falar numa língua desconhecida e interpretá-la sobrenaturalmente. Neste sentido a expressão oral de alguns dons confere autoridade ao fiel.

2.2 Êxtase religioso pentecostal através da glossolalia

A glossolalia — mais conhecida como “dom de línguas” ou falar em “línguas estranhas” pelos fiéis — é um dos traços mais característicos do pentecostalismo moderno, pois segundo os pentecostais clássicos, este “dom espiritual” está diretamente relacionado com o batismo no Espírito Santo, que constitui o nível máximo de êxtase na maioria dos pentecostalismos. Segundo Corten (1996, p. 57):

A glossolalia encarna um fenômeno catalisador de uma complexidade de relações simbólicas, portanto culturais, que se processam no interior do Pentecostalismo como uma forma de oração extática reconhecida pelas Igrejas Pentecostais como o dom de línguas. O termo glossolalia (ou heteroglossolalia – para mais de uma língua) provém de dois vocábulos gregos: glóssa e laliá, cujo sentido literal é falar em línguas ou ainda falar em palavras estrangeiras. Este fenômeno ocorre entre os pentecostais, sendo entendido como um dom ou manifestação do Espírito Santo na vida do crente. A linguagem glossolálica é considerada analogamente a uma comunicação não linguística que acontece em rituais religiosos. A aquisição da glossolalia consiste no eixo principal da Teologia Pentecostal, pois é concebida como uma manifestação explícita do batismo no Espírito Santo.

Ao analisar este fenômeno, Campos e Gutierrez (1996, p. 100) sintetizam a importância deste fenômeno para os fiéis pentecostais da seguinte forma:



O falar em línguas também teve para aquelas pessoas uma importante função sociológica e psicológica, pois ofereceu ao adorador a oportunidade de ser possuído por uma força maior, recebendo daí uma nova identidade. A glossolalia supera as divisões da linguagem humana, na medida em que capacita os adoradores a se unirem a um sagrado transcendental.

A capacidade de falar em línguas estranhas vai muito além de um simples idioma para o fiel pentecostal, afinal durante este fenômeno o crente entra em êxtase — chamado de “presença de Deus” pelos fiéis — que é interpretado no pentecostalismo como um “revestimento de poder e unção”, que consiste numa espécie de capacitação divina sobrenatural dada aos fiéis, através de muito jejum e oração. Conforme descreve Pommerening (2008, p. 11): “Para o pentecostal a glossolalia é imprescindível. Além de fazer o fiel sentir-se incluído, agrega valor a si mesmo e é prova do amor de Deus.”

O dom de línguas é imprescindível no pentecostalismo, pois segundo a doutrina pentecostal, ele tem uma função específica de “iniciação”, para que o fiel tenha acesso aos outros dons espirituais. Ricci (2007, p. 58) aborda o assunto da seguinte forma:

Muitos fiéis acreditam que o dom de línguas seja uma porta de entrada para a aquisição de outros dons espirituais, como os dons de curar, de profecia, de revelação, de sonhos, de visões, da palavra, do discernimento. Essa posição também é compartilhada entre os fiéis da Renovação Carismática Católica. A partir do momento que se é batizado com o Espírito Santo e fala-se em línguas, cada fiel, potencialmente, passaria a ter os condicionantes religiosos e míticos para o despertar de outros dons, ainda que eles estejam inoperantes na vida dos crentes. Caberia ao fiel criar mecanismos para o despertar desses outros carismas, por meio da oração, do jejum, da participação nas vigílias, da oração nas matas e nos montes, das participações das atividades da igreja e da submissão às normas institucionais, esses são os meios mais comuns de se alcançar os dons.

Portanto pode-se perceber que a glossolalia está diretamente relacionada com as manifestações extáticas no pentecostalismo. Os fiéis que falam em línguas são empoderados pelo Espírito e de certa forma adquirem um maior respeito na comunidade e ganham mais confiança para exercerem seus ministérios — cargos eclesiais geralmente hierárquicos — nas igrejas por onde seguem.

Durante uma breve pesquisa de campo feita com três fiéis — pertencentes a uma igreja pentecostal chamada de IBPM (Igreja Batista Pentecostal Mundial) localizada no bairro de Campo Grande, na cidade do Rio de Janeiro — foi perguntado sobre a importância do



“falar em línguas” para suas caminhadas de fé. O entrevistado 1 disse: “Quando falo em línguas, é como se uma descarga elétrica passasse por meu corpo, fazendo com que eu me renove por toda a semana”, já o entrevistado 2 relatou: “Eu gosto de falar em línguas, mas prefiro fazer isso em meu quarto, só eu e Deus”, já o entrevistado 3 disse: “Só falo em línguas quando tiver alguém para interpreta-las, caso contrário será meninice espiritual.” Observa-se três respostas que carregam teologias e tradições bem diferentes. Neste rápido exercício de campo foi possível notar a pluralidade de significados que o “dom de línguas” pode possuir nos pentecostais, mesmo dentro de uma mesma denominação. Isso mostra-nos a complexidade que estes conceitos podem possuir dentro das diversas tradições religiosas pentecostais.

2.3 Êxtase religioso pentecostal através das músicas

A música é uma das formas mais completas de se atingir as o íntimo das emoções do ser humano. Aguça vários sentidos, levando a reações espontâneas diversas integrando o “[...] toque (o audível), ação (o visível) e texto (o imaginário), triângulo relacional do rito que, quando colocado em prática, funciona como mantenedor e mediador por excelência de conteúdos religiosos e míticos” (POMMERENING, 2008, p. 12).

Não se pode duvidar do poder que a música tem sobre a mente humana. Ela é capaz de alterar o estado da mente do ouvinte, assim como dominá-la. O ouvinte “antes de mais nada”, precisa ser musicalmente sensível e tem de estar na disposição de espírito certa, para ser dominado pela música. E a música tem de ser exatamente do tipo certo. Ritmo percussivo agudo pode fazer um paciente entrar em espasmos, ou entrar em transe” (JOURDAIN, 1998, p. 381).

Pommerening (2008, p. 12) fez uma coletânea de entrevistas com fiéis pentecostais tratando deste tema, e relata da seguinte forma:

O clímax se dá quando a emotividade eleva todos a transcenderem para o divino. Pode ser acompanhado pela dança, palmas, glossolalia ou brados de louvor e júbilo e, de forma mais aprofundada no êxtase, acompanhado das expressões anteriores ou ainda através do “arrebamento de espírito”, em que o indivíduo permanece inerte (como que desmaiado) por determinado tempo. Neste momento acontece o ordenamento das emoções.



Pode-se afirmar que, apesar do êxtase religioso não ser frequente entre cristãos como o é em religiões afro, sendo às vezes até condenado, nos últimos tempos tem se tornado mais frequente, especialmente em igrejas que valorizam o louvor carismático. A música, mais uma vez, é um dos métodos mais utilizados para se alcançar o êxtase.

Cornwall (2011, p. 133), descrevendo a experiência pentecostal, afirma que o êxtase espiritual obtido através da música religiosa, chamada simplesmente de “adoração” entre os fiéis é fundamental para o contato com o Espírito Santo:

Que conforto e vigor espiritual recebemos quando, em meio a adoração, nosso espírito tem contato com o Espírito de Deus! Há momentos em que o espírito parece assumir o controle de todo o nosso ser e se acha tão achegado ao Espírito de Deus, que temos a impressão de estar tendo uma experiência fora do corpo. [...] O êxtase espiritual faz isso. Atingimos novas dimensões, novos picos de gozo, e nosso espírito paira tão livre que temos a sensação de não mais estar no corpo e na terra. [...] Mas a adoração não liberta apenas o espírito do adorador. Ela é um meio pelo qual nossa alma também pode extravasar-se. Na presença do Senhor liberamos as emoções reprimidas durante longo tempo. É que na adoração tudo é válido: lágrimas, suspiros, gritos, cânticos e até o silêncio.

Conforme observado pelo autor, a música tem um papel preponderante na “adoração” dos fiéis pentecostais e o “momento do louvor” — forma como os fiéis chamam a parte do culto reservada para o cântico dos hinos — dos cultos pentecostais ocupa um tempo igual, ou até superior, ao reservado para o sermão nas suas liturgias.

Platão (2008, p. 94), no diálogo “A República”, não se referia ao pentecostalismo certamente; porém, ao falar sobre o poder da música, salienta que “a música forma ou deforma o caráter, de modo tanto mais profundo e perigoso quanto mais inadvertido”. Logo na ótica de Platão, a música tem um poder fortíssimo sobre a opinião das pessoas, podendo inclusive, revolucionar a forma de pensar de toda uma cidade.

Na igreja Assembleia de Deus e em praticamente todas as igrejas de matriz pentecostal, utiliza-se a Harpa Cristã, como hinário oficial, adotado pela primeira vez com este nome em 1922, contendo 100 hinos.¹⁰ Existem tradições diferentes quanto a utilização da música nos cultos pentecostais. Algumas igrejas mais tradicionais utilizam apenas a Harpa cristã para os seus cânticos cúlticos, porém a grande maioria das igrejas atuais utiliza um

¹⁰ HARPA CRISTÃ. 51 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.



misto entre músicas da Harpa e outras composições de músicas cristãs com estilos musicais variados.

Interessante a observar é o fato de que apenas 23 cânticos da Harpa Cristã, num total de 524, falam do tema mais recorrente no pentecostalismo, o Espírito Santo e suas manifestações, portanto, apenas 4,3%. Seria porque os autores estavam equivocados? Ou porque não era necessário cantar sobre este assunto, por já ser bem conhecido e experienciado?

(POMMERENING, 2008, p. 14)

Um estilo musical muito presente nos cultos pentecostais, além da Harpa, é o “corinho de fogo”, que consiste num conjunto de músicas com letras e melodias bem simples, geralmente em ritmo de forró, que estão diretamente relacionadas ao êxtase nos pentecostalismos. Robson Rodrigues de Paula (2016, p. 56), define estes “corinhos” da seguinte forma:

O corinho de fogo possui uma configuração relativamente simples: temas objetivos e diretos, poucos e repetitivos versos e uma constância rítmica. Assemelha-se ao baião, mesmo que, para a sua execução, além da viola caipira, sanfona, triângulo, flauta doce e acordeon - instrumentos formadores da estrutura básica deste gênero musical-, sejam usados guitarra, contrabaixo, pandeiros, chocalhos, baterias etc. Outro aspecto marcante dos “corinhos de fogo”, que os aproximam dos primeiros sambas criados no início do século XX, é a autoria desconhecida.

Este tipo de música é extremamente comum nas igrejas pentecostais. A simplicidade e espontaneidade sempre foram características do pentecostalismo brasileiro e isso está presente de forma bem clara nos corinhos de fogo. Contudo, além de estarem relacionadas a “sentir a presença de Deus” para os fiéis, os corinhos de fogo também possuem um importante papel na divulgação da cosmologia pentecostal, afinal pode-se observar nas suas letras forte ênfase nas “batalhas espirituais”, que são típicas da teologia dualista pentecostal.

2.4 O êxtase religioso e a antropologia

Poucas das pesquisas mais significativas na área de religião comparativa fazem uma pausa para considerar como a produção do êxtase religioso pode se relacionar com as



circunstâncias sociais que o produzem; como o entusiasmo pode declinar em diferentes condições sociais; ou que funções podem emanar dele em contrastantes tipos de sociedade. (LEWIS, 1977, p. 21).

O surgimento da antropologia na história pode ser observado como um marco decisivo para fomentar o debate entre magia, religião e racionalidade numa perspectiva acadêmica. Tambiah (apud SANTOS, 2007, p. 33) relata que: “Essas três categorias tem sido matéria de um diálogo vigoroso e polêmico entre vários estudiosos que se fazem invariavelmente incluídos em qualquer genealogia de teóricos da antropologia.”

Segundo Lewis (1997, p. 19), “longe de ser relegada a obscuras publicações nas poeirentas prateleiras de míseras livrarias, como costumava ser o caso, o oculto é agora parte do cenário contemporâneo”. Com isso o autor deixa claro a relevância dos estudos das relações do ser humano com as experiências místicas num contexto contemporâneo, e não apenas isso, mas consequentemente como isso pode afetar a sociedade como um todo.

Segundo Alexander (apud NOGUEIRA, 2016, p. 99) é possível isolar um número de ideais abstratas que parecem ser compartilhadas pelas tradições místicas, concretas e diferentes, que são:

1. O misticismo procede da experiência religiosa, a experiência de uma presença divina transcendente que se encontra atrás do mundo material e visível;
2. O místico, tornando-se consciente da presença transcendente, torna-se cheio de um desejo por um relacionamento próximo a ela;
3. O misticismo sempre requer uma via mística, um caminho pelo qual o místico parte para uma tentativa de união/comunhão com o divino.

Seguindo esta perspectiva do autor, pode-se observar claramente a relação íntima do êxtase religioso com o pentecostalismo, devido principalmente, a esta valorização da experiência extática que acaba dando um sentido de empoderamento nas comunidades pentecostais, fazendo com que os fiéis busquem cada vez mais uma união/comunhão com este ser Transcendente.

O conceito cessacionista vem sendo quebrado com o advento do pentecostalismo que possui uma hermenêutica baseada principalmente nas experiências extáticas e na atualidade dos “dons espirituais” prescritos na bíblia.



Tais fenômenos devem ser levados a sério no sentido que não podem ser considerados apenas como superstições ou invenções literárias. Mesmo que esses elementos naturalmente sejam típicos desse âmbito, nada disso existiria se eventos reais de natureza psicológica não estivessem por trás deles.

(GUNKEL apud MACHADO, 2009, p. 60)

Esta ideia corrobora com o pensamento de James (apud NOGUEIRA, 2016, p. 102) que ao falar sobre as experiências extáticas relata: “Tratam-se de revelações, iluminações, cheias de significância e importância e o papel que elas carregam consigo é um sentido curioso de autoridade para o período posterior à experiência”.

O autor Johnson (1998, p. 1) afirma que existem dois tipos de religião:

Enquanto há uma religião do altar que está mais ligada a conceitos teológicos concernentes a doutrina, moralidade, autoridade e conduta correta, ao mesmo tempo há uma religião de fundos. Esta última diz respeito muito mais a experiência em termos de transformação e poder em várias formas... Aquela seria uma religião do discurso formal; esta, do poder informal.

Segundo Johnson, os ambientes cristãos conseguem manter estes dois mundos com certa tensão criativa. A questão é saber até que ponto as experiências místicas e a religião formal poderão caminhar de mãos dadas? Seja qual for a religião abordada, esta tensão entre poder periférico e poder formal sempre será uma questão polêmica nas comunidades religiosas, pois a experiência de êxtase é diferenciada da experiência religiosa mais comum, para o qual Segal (2006, p. 13) usa a expressão “Estados de Consciência Religiosamente Interpretados” (Risc). Este último caso envolve uma condição religiosa bem mais ampla do que o êxtase, incluindo qualquer estado mental religioso como o experimentado em vários rituais e cerimônias sem alterações maiores da consciência.

Portanto seguindo esta perspectiva, o êxtase, é uma experiência religiosa bem além do “enlevo espiritual” geralmente testemunhado nas liturgias tradicionais. Mas ao mesmo tempo o êxtase também representa experiências plurais, que podem ter graus diferentes, que não implicam, necessariamente numa total perda de controle ou consciência.

Um dos grandes problemas nas pesquisas antropológicas sobre o êxtase, segundo Lewis (1977, p. 22), tem a ver com a relutância que muitos antropólogos sociais têm em fazer as perguntas realmente significativas. Alguns antropólogos consideram o papel social



do sacerdote possuído, que manifesta êxtase religioso, como uma espécie de base para lhe conceder autoridade como líder carismático nas comunidades religiosas, já outros enfatizam a evasão de responsabilidade implicada quando as decisões não são feitas por homens, mas pelos “deuses” falando por suas bocas. Sendo assim, o êxtase religioso pode ser utilizado por lideranças carismáticas, tanto para conservar e fortalecer ordenamentos sociais já estabelecidos, como para autorizar mudanças e inovações.

Considerações finais

Como pode ser observado neste artigo e nas diversas pesquisas sobre o tema proposto, o movimento pentecostal se consolidou como uma das expressões religiosas mais significativas da América Latina, e conseqüentemente do mundo atual. Com seu vertiginoso crescimento, muitos pesquisadores vem buscando compreender suas doutrinas, dogmas e estruturas litúrgicas.

Pode-se observar que o êxtase religioso corresponde ao marco principal nas diversas tradições de pentecostais. As experiências estáticas norteiam as vidas dos fiéis pentecostais. Tudo se inicia no “batismo com fogo”, onde o fiel é capacitado de forma “sobrenatural” a exercer suas funções na igreja, logo ele é revestido de poder e “fala em línguas estranhas” para evidenciar esta providência divina. De acordo com suas crenças, estes estados de êxtase — chamados de dons espirituais pelos fiéis — também lhes concedem profecias, curas miraculosas, interpretação das línguas estranhas, discernimento dos espíritos e etc.

Embora os fiéis pentecostais utilizem a Bíblia como manual de fé e prática - assim como as demais tradições protestantes evangélicas — as experiências estáticas constituem traços importantíssimos e imprescindíveis para estes religiosos. Através de práticas de orações fervorosas estes fiéis buscam um contato mais profundo com o transcendente, elevando-os a diversos estágios de êxtase durante seus rituais cúlticos.

Os fiéis pentecostais “avivados” pelo êxtase religioso em suas experiências constituem a força deste movimento. Alguns religiosos de outras tradições protestantes criticam esta busca incessante por poder “espiritual”, chamando-os de alienados, porém, ao que parece, o êxtase religioso para os pentecostais tem um poder social de empoderamento, dando-lhes força para enfrentar de cabeça erguida os diversos dilemas de



suas vidas. Como o movimento é muito diverso e plural, muitos novos estudos sobre estes assuntos ainda devem ser explorados nos próximos anos.

Referências

ALEXANDER, Philip. Apud NOGUEIRA, Sebastiana. *Viagem aos Céus e Mistérios Inefáveis*. São Paulo: Paulus, 2016.

AUBRÉE, M. 1996 Apud MAUÉS, Raymundo Heraldo. “*Bailando com o Senhor*”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000100001>. Acesso em: 6 mar. 2018.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: Gedisa, 1998.

BONINO, José Míguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio e Umesp, 1999.

CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CORTEN, A. *Os pobres e o Espírito Santo: o Pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORNWALL, J. *Adoração como Jesus ensinou*. Venda Nova: Betânia, 1995.

DE PAULA, Robson Rodrigues. “Sinta este fogo irmão”: Cosmologia Pentecostal, Noção de Pessoa e “Corinhos de Fogo”. *Revista Tempo da Ciência*, v. 23, n. 45, 2016, p. 53-64.

GUNKEL, Hermann. *The Influence of the Holy Spirit. The popular view of the apostolic age and the teaching of the apostle Paul*. Philadelphia: Fortress Press, 1979.

HARPA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

JOHNSON, Luke T. *Religious experience in earliest Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 1998.

JOURDAIN, R. *Música, Cérebro e Êxtase: como a música captura nossa imaginação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

LEWIS, Ioan. *Êxtase Religioso*. São Paulo: Perspectiva, 1977.



MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. *Assembleia de Deus e Teologia Pública: o discurso pentecostal no espaço público*. São Leopoldo: Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, 2010.

MENZIES, Robert. *Essa História é Nossa História*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner Roger Cazotto. *Êxtase como locus hermenêutico na Experiência Religiosa dos Pentecostais*, Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano XI, n. 31, maio/agosto de 2018, p. 65-86.

PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e Escrita na Teologia Pentecostal: Acertos, Riscos e Possibilidades. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. v. 24, 2011, p. 117-133.

RABELO, Miriam C.M. Rodando com o santo e queimando no espírito: possessão e a dinâmica de lugar no candomblé e pentecostalismo. *Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 7, n. 7, 2005, p. 11-37.

RICCI, Maurício. Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 16, 2007, p. 55-74.

SANTOS, Marcel de Lima. *Xamanismo a palavra que cura*. São Paulo: Paulinas, 2007.

SEGAL, Alan F. A Construção do “Eu” transcendente em Teceiro Enoch. *Oracula*, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 4, 2006, p. 1-29.

TERRA, Kenner C. Êxtase, Pentecoste e Unidade: desafios à luz das origens. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (org). *Pentecostais em Unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 167-179.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. 5ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

